

#LigaACâmera: Relatos de estudantes de Pedagogia do Rio de Janeiro sobre os encontros por videoconferência

#TurnTheCameraOn: Rio de Janeiro Pedagogy Students' Reports on Video Conferencing Meetings

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v13i1.2061

Dilton Ribeiro Couto Junior^{1*}
Marcelle Medeiros Teixeira¹
Tania Lucía Maddalena¹

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rua São Francisco Xavier, 524 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil.
*junnior_2003@yahoo.com.br

Resumo

Este relato de experiência discute depoimentos escritos em março de 2022 por estudantes de Pedagogia de uma instituição pública do Rio de Janeiro (RJ). Os depoimentos forneceram pistas para refletirmos sobre os possíveis motivos que levam à baixa participação das graduandas nos encontros por videoconferência, além da própria opção pelas câmeras desligadas. Quando convidamos a/o outra/o a falar de si, estamos valorizando a escuta atenta e buscando entender os motivos por detrás dos tantos quadradinhos pretos com nomes, mas sem rostos, que povoaram nossos encontros on-line durante a pandemia. As respostas fornecidas pelas graduandas evidenciaram que o ato de não “abrir” a câmera é, na verdade, a ponta do iceberg para questões sociais mais complexas. Conhecer um pouco da realidade dessas graduandas mostrou-nos a necessidade de olhar com mais atenção para as questões socioeconômicas em um país que permanece enfrentando sérios problemas, como a exclusão digital, mesmo quando a pandemia nos ensinou o quanto a internet é cada vez mais central na vida cotidiana. Temos interfaces digitais que garantem a construção de uma educação da partilha, agora é continuar lutando por políticas de inclusão digital que permitam que cada vez mais brasileiras/os consigam experimentar plenamente os processos comunicacionais digitais em rede.

Palavras-chave: Cibercultura. Pandemia. Videoconferência. Educação.



Recebido 07/07/2023
Aceito 24/11/2023
Publicado 28/11/2023

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: COUTO JUNIOR, D. R.; TEIXEIRA, M. M.; MADDALENA, T. L. #LigaACâmera: Relatos de estudantes de Pedagogia do Rio de Janeiro sobre os encontros por videoconferência. **EaD em Foco**, v. 13, n. 1, e2061, 2023. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v13i1.2061>

#TurnTheCameraOn: Rio de Janeiro Pedagogy Students' Reports on Video Conferencing Meetings

Abstract

This experience report discusses statements written in March 2022 by Pedagogy students from a public institution in Rio de Janeiro, Brazil. The statements provided a pathway for us to reflect on the possible reasons that lead to the low participation of undergraduate students in videoconferences and to their choice of turning cameras off. By actively listening to those students, we sought to understand the reasons behind the many black squares with names and no faces that populated our online video meetings during the pandemic. The responses given by the undergraduates showed that the act of not "turning cameras on" is, in fact, the tip of the iceberg of more complex social issues. Observing the reality of those students showed us the need to closely analyze socioeconomic issues in a country that continues to face serious problems such as digital exclusion, even when the pandemic taught us how the internet has been central to everyday life. There are already digital interfaces that guarantee the construction of a shared learning, therefore, the current focus should be on supporting digital inclusion policies that allow more Brazilians to fully experience digital communication.

Keywords: Cyberculture. Pandemic. Video conference. Education.

1. O retorno ao presencial adiado: iniciando a conversa

Diversos trabalhos se propuseram a relatar e discutir práticas pedagógicas experienciadas em universidades públicas brasileiras durante o período da COVID-19, possibilitando a ampliação do debate em torno dos desafios educacionais enfrentados por docentes e discentes entre 2020 e 2021. Muitas dessas práticas evidenciaram uma multiplicidade de metodologias adotadas, incluindo a gravação das aulas, exibição de filmes, apresentação e discussão de slides criados pelas/os docentes (Xavier; Ventura, 2022). Com o objetivo de prosseguir com as atividades docentes em um período comumente designado como "novo normal" (Rodrigues et al., 2020), trabalhos como o de Couto Junior, Teixeira e Maddalena (2023) relataram o uso de memes na docência, trazendo à tona a discussão de temas como a exclusão digital e a monotonia de algumas práticas pedagógicas implementadas durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Na tentativa de questionar a naturalização do "assim das coisas", Ribeiro e Skliar (2020) vêm apostando na escuta atenta e na partilha como princípios importantes na relação eu-outro, principalmente em uma época marcada por uma lógica mercadológica alimentada por práticas homogêneas que supervalorizam a aquisição de conteúdos. Esses trabalhos mostram que seguimos com muitos questionamentos sobre a docência em tempos de COVID-19 e nos encorajam a continuar investindo na rememoração de nossas próprias práticas, um exercício que consideramos importante para a formação docente no tempo presente.

Argumentamos que as tecnologias digitais não são apenas aparelhos e equipamentos, são artefatos culturais (Certeau, 2012), e seus usos carregam implicações éticas, políticas, econômicas e educativas. Defendemos ainda que as tecnologias digitais são constituídas pelos usos que fazemos e pelos que deixamos de fazer, e isso revela a forma como a/o docente posiciona-se ética e politicamente no mundo. A pandemia de COVID-19 demonstrou como é necessário repensar os usos, que muitas vezes são focados numa concepção instrumental das tecnologias digitais; repensar os usos implica reconhecer que as docências na cibercultura dialogam mais com as práticas do que com os equipamentos (Nolasco-Silva; Lo Bianco, 2022).

Nos últimos anos, vimos avançar com força concepções mercadológicas que promovem a automatização dos processos de ensino-aprendizagem, a chamada “plataformização da vida e da educação” (Lemos, 2021; Santaella, 2021). Essa automatização, ao permanecer nas mãos de grandes empresas tecnológicas que lucram com dados, traz como consequência o apagamento do lugar autoral e crítico das/os docentes. Cientes desse contexto, entendemos a importância de construirmos uma formação crítica na formação de professores, considerando o potencial da cibercultura nos processos de ensinar-aprender. Consideramos que as experiências da pandemia com as docências on-line nos deixaram pistas para pensar nas possibilidades e nos desafios que temos pela frente. Que mediações são possíveis nos cursos de graduação das universidades públicas no Brasil? Nossas/os estudantes possuem infraestrutura e conexão para acompanhar as aulas síncronas? Que tipo de recursos digitais elas/es consomem e produzem pelo celular? O que elas/es pensam em relação às aulas síncronas? Essas são algumas perguntas que mobilizaram nosso pensamento na tessitura das reflexões aqui apresentadas.

Expericiamos um momento interessante e desafiante no primeiro semestre de 2022, na disciplina Tecnologias e Educação (60h/4 créditos) do curso de Pedagogia de uma instituição pública do Rio de Janeiro (RJ). O semestre estava programado para iniciar em fevereiro, no entanto, devido ao aumento dos casos de contaminação por COVID-19 no estado do RJ, o retorno presencial das aulas foi adiado para o mês seguinte. Permanecer longe do espaço físico da sala de aula em função do novo coronavírus gerou muita angústia e tristeza entre docentes e estudantes. O chão da universidade foi retirado de nós, mas não nosso desejo de continuar em contato com o corpo docente/discente da instituição e nossa vontade de enfrentar os tantos desafios e dilemas que envolveram a prática educativa em tempos de pandemia.

Em março de 2022, realizamos alguns encontros síncronos com as estudantes¹ por meio da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), uma organização social vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI)². A RNP popularizou-se nas instituições de ensino superior durante a quarentena, permitindo que docentes e estudantes participassem de encontros on-line síncronos. Nossa opção pelo uso dessa rede na disciplina deu-se porque entendemos o compromisso político da universidade pública pela escolha de uma plataforma pública que possibilitasse o desenvolvimento das atividades acadêmicas com as estudantes da Pedagogia.

Tivemos a oportunidade de construir nossas práticas pedagógicas inspirando-nos no digital em rede, fazendo do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) disponibilizado pela instituição um aliado na promoção de processos de ensinar-aprender. Somando-se a isso, longe do espaço institucional, crianças e jovens encontraram outras formas de interagir, de aprender e de socializar-se com seus pares a partir do uso das tecnologias digitais em conexão com a internet (Lemos, 2021). Partimos do entendimento de que construir uma educação na pandemia não se tratou simplesmente de colocar em movimento a troca de saberes entre um grupo de sujeitos. Justificar a construção de uma educação praticada nas interfaces digitais e pautada na máxima de que o “ensino não pode parar” nos parece uma atitude irresponsável e perversa, até porque a educação mediada pelo digital em rede não chegou em todas as residências, uma vez que muitas/os docentes também não tiveram infraestrutura técnica adequada para “tocar o barco”.

Estar com as estudantes da Pedagogia no AVA e nos encontros síncronos por videoconferência foi importante para que pudéssemos tomar conhecimento sobre como elas estavam enfrentando os desafios impostos pelo cenário pandêmico, oportunizando que buscássemos pistas sobre as diferentes possibilidades de se desenvolver um trabalho pedagógico em uma época marcada pelo medo da contaminação pelo novo coronavírus. Buscamos, com este relato de experiência, recuperar depoimentos escritos em março de 2022 por estudantes do curso de Pedagogia. As vivências das graduandas foram importantes

1 A turma, com cerca de 35 estudantes, é majoritariamente constituída por mulheres, por isso a opção de adotar o uso do feminino para nos referirmos às graduandas.

2 Para mais informações sobre a RNP, acesse o seguinte link: <https://www.rnp.br/sobre>. Acesso em: 12 mar. 2023.

disparadores reflexivos, considerando que estas forneceram pistas para refletirmos sobre os possíveis motivos que levam à baixa participação nos encontros por videoconferência, além da própria opção pelas câmeras “fechadas”.

Conforme Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 63), o relato de experiência constitui-se como a “expressão escrita de vivências, capaz de contribuir na produção de conhecimentos das mais variadas temáticas”. Dessa forma, neste texto buscamos refletir sobre a baixa participação nos encontros por videoconferência em nossa experiência pedagógica na pandemia, que ficou muito marcada pela presença das câmeras desligadas nos encontros síncronos. Compreender as razões pelas quais as graduandas optaram por não aparecer nas câmeras é foco de nossas análises, que apontaram para uma diversidade de justificativas que vão para além das questões de infraestrutura técnica e da qualidade da rede, comumente associadas como os únicos motivos.

Além desta introdução, o texto também está organizado em outras três partes. A primeira, apresentada a seguir, é voltada para discutir, de modo breve, nossa aposta pelas rodas de conversa como metodologia privilegiada em sala de aula, além de apresentarmos os aspectos éticos que culminaram na opção pelo uso de nomes fictícios para as graduandas. Em seguida, realizamos a análise dos depoimentos, buscando entender a percepção delas sobre os encontros síncronos por videoconferência, que se popularizaram na docência em tempos de pandemia. Posteriormente, a título de conclusão, o texto buscou discutir os desafios da docência na pós-pandemia, reafirmando a necessidade por mais e melhores mediações no contexto do digital em rede.

2. Metodologia docente e aspectos éticos: breves apontamentos

Neste texto apresentamos e discutimos nossa experiência na disciplina Tecnologias e Educação, que ocorreu entre fevereiro e maio de 2022. Nela, foram abordados temas variados, incluindo a relação da criança com as tecnologias digitais, os princípios da cibercultura e seus desdobramentos para o campo educacional, além dos desafios da docência em tempos de pandemia. Metodologicamente, a disciplina privilegiou as rodas de conversa, com cada encontro apresentando um texto para discussão ou a exibição de algum documentário ou curta-metragem. A disciplina rompeu com os limites físicos da sala de aula na medida em que a rede WhatsApp foi muito utilizada com e entre as graduandas, garantindo não somente maior facilidade na produção e disseminação de diversos materiais de estudo (vídeos, arquivos em pdf, links, apenas para citar alguns exemplos), mas também na ampliação dos processos de ensinar-aprender mediados pela conversa on-line.

Fizemos da conversa com o outro um momento importante para aprender-ensinar com as graduandas, exercitando o intercâmbio de experiências com elas. Para isso, defendemos uma postura dialógica e de alteridade na partilha de sentidos com as pessoas, valorizando o que Couto Junior, Ferreira e Oswald (2017) apontam sobre a necessidade de estarmos disponíveis e sensíveis ao que o outro tem a dizer, sem desconsiderar, também, que a relação entre seres humanos não é livre de tensão e disputa.

Conversar e, posteriormente, registrar na forma de texto é uma prática que consideramos importante na docência, pois permite a rememoração e o compartilhamento de nossas experiências com outras/os profissionais da área. Rememorar a própria prática permite revisitar as atitudes observadas em sala de aula, aguçando nossa forma de interpretar o que já experienciamos (Carvalho, 2022). Rememorar é (re) aprender e conhecer mais e melhor o vivido para fortalecer nossa prática docente, é colocar em movimento a busca por algumas pistas e respostas sobre as coisas que nos inquietam. Rememoramos porque ainda não sabemos, mas queremos saber mais e buscar possíveis entradas de problematização.

Este texto recupera depoimentos que foram escritos na disciplina Tecnologias e Educação por estudantes do curso de Pedagogia em março de 2022. Toda graduanda que escreveu um relato forneceu

autorização por escrito para que o texto fosse publicizado (sem identificação nominal) em trabalhos acadêmicos (capítulos de livro e artigos científicos); diante disso, optamos pelo uso de nomes fictícios com o objetivo de preservar a identidade das estudantes. Em nossas rodas de conversa, pensamos o encontro entre docente-discentes “como instaurador de uma ética, [o que,] por sua vez, implica em abrir mão da pretensão da previsibilidade sobre o outro” (Pereira, 2015, p. 61). Dessa forma, a leitura atenta dos relatos permitiu conhecer suas experiências educacionais durante os encontros por videoconferência, não com a intenção de julgar o que elas têm a dizer, mas buscar pistas que pudessem fornecer algumas respostas para nossas questões.

3. Ninguém “abre” a câmera e quase ninguém fala: apresentação e análise dos relatos

Durante o primeiro semestre de 2022, na disciplina Tecnologias e Educação (disciplina do primeiro período do curso de Pedagogia), foram realizados três encontros síncronos por videoconferência através da RNP (dias 17/02, 24/02 e 24/03), além de outras atividades assíncronas no AVA. Em cada encontro síncrono discutimos com a turma uma temática específica a partir do uso de slides que traziam citações, charges e *memes*, servindo como disparadores refletivos importantes ao articular questões da disciplina às práticas sociais cotidianas. Dessa experiência com a RNP, um ponto nos chamou atenção na disciplina, sendo também muito comentado por outras colegas de trabalho na universidade: a baixa participação nos encontros síncronos por videoconferência, com a maioria optando por permanecer com a câmera desligada, mesmo quando incentivadas a “abri-las”. Dessa forma, desejávamos conhecer um pouco sobre o que pensam as graduandas sobre os encontros síncronos por videoconferência; conversar sobre as câmeras desligadas nos traria também algumas pistas para conhecer melhor quem são nossas estudantes do curso de Pedagogia.

Após o período de realização dos encontros síncronos por videoconferência, as estudantes foram convidadas a escrever um breve relato. Ao final de nosso encontro presencial na universidade, no dia 28 de março, a seguinte proposta foi entregue a cada graduanda:

No nosso último encontro por videoconferência percebi poucas câmeras ligadas e considerei baixa a participação da turma durante nossa conversa. Gostaria que cada um/a de vocês relatasse brevemente o que achou do encontro on-line do dia 24/03, qual(is) motivo(s) atribui às poucas câmeras ligadas e se concorda sobre a baixa participação da turma nas discussões. Não esqueça de justificar suas respostas, pois podem fornecer pistas importantes sobre como podemos pensar juntas/os um ensino mediado pelo digital em rede mais potente. Desde já, muito obrigada pela sua participação! ☺

Embora a turma fosse constituída por cerca de 35 estudantes, apenas 19 realizaram a atividade. Muitas optaram por não participar da atividade porque entenderam que não seria tão produtivo, haja vista que não estiveram presentes no terceiro encontro síncrono (dia 24/03) por videoconferência. A partir dos relatos fornecidos, identificamos que os principais motivos levantados sobre as câmeras desligadas foram quatro (Figura 1), a saber: a) internet lenta/instável e/ou qualidade dos recursos eletrônico-digitais (Figura 2); b) infraestrutura da casa e ruídos na vizinhança (Figura 3); c) aparência física (Figura 4) e d) preferência pelos encontros presenciais (Figura 5). Destacamos que outras questões também foram apontadas pelas graduandas, no entanto, nos debruçamos sobre as motivações que eram comuns a quase todas. Sistematizamos os relatos a partir das quatro justificativas dadas, possibilitando apresentarmos um breve panorama sobre as percepções delas sobre o uso das câmeras nos encontros síncronos por videoconferência.

Entendemos que é necessário observar os motivos apresentados por elas como sendo indissociáveis/interligados, de modo a não cairmos na relação reducionista de causa-efeito, garantindo, assim, a ampliação das reflexões (Paraíso, 2014).

Figura 1: Percepções das graduandas sobre o uso das câmeras nos encontros por videoconferência

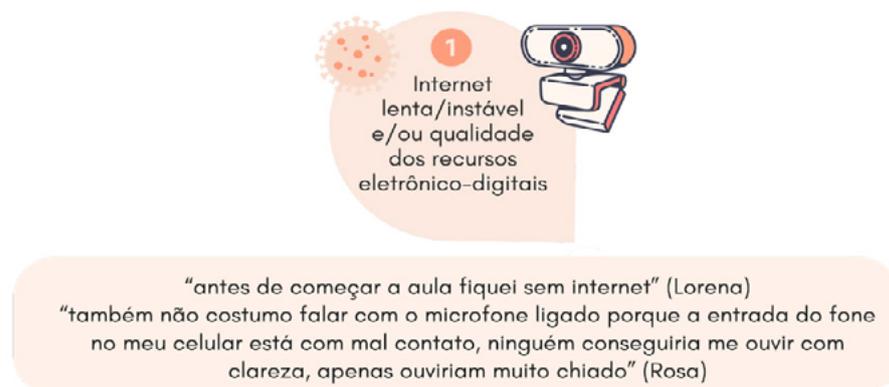


Fonte: Autores

Foi importante acompanhar a produção dessas narrativas, principalmente porque muitas vivenciaram experiências distintas durante o período pandêmico, narrando situações que envolviam dificuldades que precisam ser discutidas no campo educacional. De acordo com elas, é menos convidativo acionar a câmera quando não há um espaço adequado no lar, além do fato de que é necessário ter acesso à internet de qualidade para a imagem do vídeo ser compartilhada com a turma. Dessa forma, a percepção sobre a relação pandemia-educação-tecnologia mostrou os inúmeros desafios socioeconômicos enfrentados durante a pandemia, a começar por reconhecerem que “abrir a câmera” ainda é um luxo no Brasil. Não podemos ignorar que a pandemia acentuou as dificuldades para aquelas/es que já se encontravam em um lugar de vulnerabilidade social (Maddalena; Couto Junior; Teixeira, 2020).

3.1 Internet lenta/instável e/ou qualidade dos recursos eletrônico-digitais

Figura 2: Depoimentos das graduandas sobre internet lenta/instável e/ou qualidade dos recursos eletrônico-digitais



Fonte: Autores

A internet lenta/instável e/ou qualidade dos recursos eletrônico-digitais, conforme a Figura 2 acima, foi um ponto mencionado pelas graduandas, segundo reiterado por Lorena: “antes de começar a aula fiquei

sem internet”. Em muitas ocasiões as estudantes acessavam os encontros por videoconferência e relataram que muito provavelmente estariam impossibilitadas de permanecer até o final por conta da instabilidade na conexão. Rosa apontou também que “não costumo [sic] falar com o microfone ligado porque a entrada do fone no meu celular está com mau contato, ninguém conseguiria me ouvir com clareza, apenas ouviriam muito chiado”. Ficamos, em diversas situações, reflexivos sobre como poderíamos construir uma dinâmica educacional que valorizasse a partilha durante os encontros por videoconferência quando muitas delas permaneciam inviabilizadas de acessar a sala on-line ou de participar plenamente (com o uso do microfone e câmera).

Os relatos reforçam as dificuldades de acompanhar os encontros on-line durante a pandemia; embora muitas manifestem que gostariam de participar e trazer contribuições para a discussão, a internet lenta/instável, aliada à qualidade dos recursos eletrônicos digitais, foram fatores impeditivos. De uma coisa temos certeza: não podemos culpabilizar as estudantes pelas chamadas “dificuldades técnicas” (que, na verdade, são socioeconômicas) para participar dos encontros por videoconferência, assim como também não podemos colocar a/o docente como mera/o responsável pelas dificuldades encontradas para conduzir as dinâmicas educacionais em tempos de pandemia.

Para compreender melhor o cenário da exclusão digital no país, destacamos uma pesquisa sobre o abismo digital no Brasil³, divulgada em 2022 e realizada pela PWC Brasil em parceria com o Instituto Locomotiva. Foi realizado um Índice de Privação On-line para identificar os perfis das/os usuárias/os brasileiras/os com base em aspectos que incluem limitações de acesso a conteúdo, economia de dados e duração do pacote contratado. As pessoas plenamente conectadas correspondem a quase 50 milhões de brasileiras/os, cujas características predominantes são: moradoras/es das regiões Sul e Sudeste, utilizam celular pós-pago e acesso por notebook, são escolarizadas/os e brancas/os. Entre as/os subconectadas/os e desconectadas/os, somam-se mais de 75 milhões de brasileiras/os, localizadas/os majoritariamente nas regiões Norte e Nordeste, com o uso de celular pré-pago, são menos escolarizadas/os ou não alfabetizadas/os e são, em sua maioria, negras/os e idosas/os.

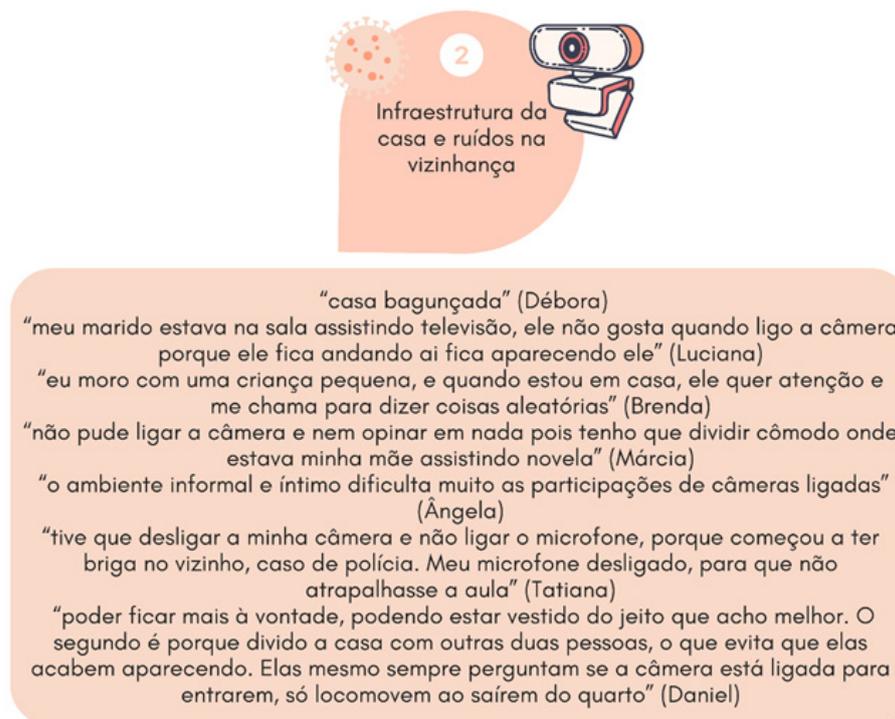
Os dados anteriormente mencionados são fundamentais para compreendermos que a questão brasileira não está somente no uso ou acesso às tecnologias, mas principalmente na possibilidade de acesso à rede com qualidade. A qualidade da rede está diretamente relacionada ao poder aquisitivo para a contratação de um serviço melhor. De acordo com a mesma pesquisa, 13,5 milhões de domicílios possuem conexão de banda larga móvel via chip ou modem, que são mais lentas para o acesso à internet.

Esses dados refletem o cenário da exclusão social/digital no Brasil, reforçando nossa preocupação durante o período pandêmico, quando o acesso à internet foi fundamental para que as/os estudantes brasileiras/os participassem das atividades educacionais remotas. Santaella (2021) reforça que a era digital vem alterando de modo significativo a produção e a distribuição de informação; conseqüentemente, as próprias dinâmicas sociais também vêm cada vez mais sendo mediadas pelo digital em rede, embora uma parcela considerável da população permaneça sem qualquer tipo de acesso à internet. Esses dados alinham-se com os relatos destacados no presente texto, que mostraram o quanto a internet/conexão de qualidade foi fundamental para a participação da turma nos encontros por videoconferência.

3 Abismo digital no Brasil. Disponível em: <https://is.gd/YzwoRO>. Acesso em: 21 mar. 2023.

3.2 Infraestrutura da casa e ruídos na vizinhança

Figura 3: Depoimentos das graduandas sobre a infraestrutura da casa e ruídos na vizinhança



Fonte: Autores.

Outro aspecto fundamental para a discussão é a insuficiente infraestrutura da casa e/ou ruídos da vizinhança, conforme a Figura 3 acima. De uma hora para a outra, uma parcela da população deixou de ocupar as ruas, como medida de contenção para a disseminação do novo coronavírus, fazendo de suas casas não somente o lugar de lazer e descanso, mas também de trabalho e estudo. Muitas famílias se viram obrigadas a dividir, além dos cômodos de suas casas, os celulares, notebooks, mesas, webcams e microfones para que pudessem continuar com suas rotinas, agora de forma remota. Sobre essas mudanças na rotina de trabalho e de estudos, Harari (2020, p. 30) realizou uma reflexão no início da pandemia: “Países inteiros assumem o papel de cobaia em experimentos sociais de larga escala. O que acontece quando todo mundo trabalha de casa e se comunica apenas à distância? O que acontece quando escolas e universidades inteiras passam a operar on-line?”. Essas continuam sendo algumas de nossas questões, por isso a relevância de recuperar/discutir os depoimentos que foram escritos em 2022 pelas graduandas do curso de Pedagogia. Embora continuemos com essas questões, nosso contexto hoje é outro e vem sendo marcado por um período pós-pandêmico que mostra uma profunda reconfiguração no mercado de trabalho, principalmente nos grandes centros urbanos, com muitas/os trabalhadoras/es que continuam a atuar de forma remota porque é uma alternativa mais barata para as empresas.

Não vivemos tempos de normalidade durante a COVID-19 (HARARI, 2020). Esse quadro de anormalidade nos obrigou a repensar a forma como continuaríamos a conduzir nosso trabalho na universidade. Conforme o autor (2020), muitos setores da indústria sofreram atraso na produção, enquanto as instituições escolares alteraram significativamente o modo de trabalhar, sem previsão de retorno ao presencial. Diante desse cenário conturbado, nos vimos abrindo as portas de nossas casas e expondo o local onde vivíamos e as pessoas com quem compartilhávamos aquele espaço. Essa exposição da moradia foi muito apontada por pessoas da turma, como a “casa bagunçada” (Débora), a necessidade de “dividir cômodo” (Márcia) e a preocupação com os familiares aparecendo no vídeo, conforme apontou Débora sobre o marido: “não gosta quando ligo a câmera porque ele fica andando aí fica aparecendo ele”. Há um desconforto

latente nesse contexto, em que a sala de aula passou a ser a sala de estar ou outro cômodo da própria casa. Não somente as graduandas ocupavam a sala de aula on-line, mas seus familiares e pessoas de seu convívio cotidiano comumente apareciam nas câmeras.

Concordamos com Lemos (2021) sobre a pandemia trazer desafios ao Brasil, mostrando a inter-relação entre conexão, infraestrutura de acesso e habitação. O acesso à internet tem sido fundamental para o desenvolvimento das mais diversas atividades, incluindo a docência on-line. Discutir o cenário pandêmico no nosso país apresenta particularidades locais, sendo uma realidade bem diferente daquela de regiões globais mais favoráveis economicamente. Portanto, quando são relatados problemas de infraestrutura da casa e ruídos na vizinhança, a turma está se referindo a problemas crônicos escancarados pela COVID-19, ou seja, o vírus acabou “desempacota[ndo] e evidencia[ndo] problemas” (Lemos, 2021, p. 19) sociais já conhecidos.

3.3 Aparência física

Figura 4: Depoimentos das graduandas sobre a aparência física



Fonte: Autores.

Os depoimentos produzidos pelas estudantes sobre a aparência física (Figura 4) nos levam a refletir sobre o lugar dos corpos nos encontros por videoconferência. Ao não recebermos resposta, nem vermos as imagens das estudantes nas câmeras, poderíamos imaginar um cenário de corpos estáticos, fixos na frente de uma tela, pois são corpos que não ligam a câmera, possuem o microfone mutado e não falam. Nosso estranhamento diante dos quadradinhos pretos sem rostos nos encontros por videoconferência se dá também porque reconhecemos que os corpos na cibercultura também são cibercorpos que narram seus cotidianos por meio de imagens, vídeos e sons (tudo junto e misturado), fabulam com filtros, ensaiam e dançam coreografias que são compartilhadas em redes sociais como o TikTok, mostram passeios, comidas, amores e amizades numa infinidade de narrativas on-line. A vida no ciberespaço vem sendo narrada a partir de corpos que produzem imagens, textos, sons e habitam as diversas redes várias horas por dia (Nolasco-Silva; Maddalena, 2022) por meio de processos comunicacionais móveis e ubíquos, ou seja, corpos que se movimentam pelos espaços físicos na medida em que permanecem interconectados com outras/os internautas geograficamente dispersas/os (Santaella, 2013).

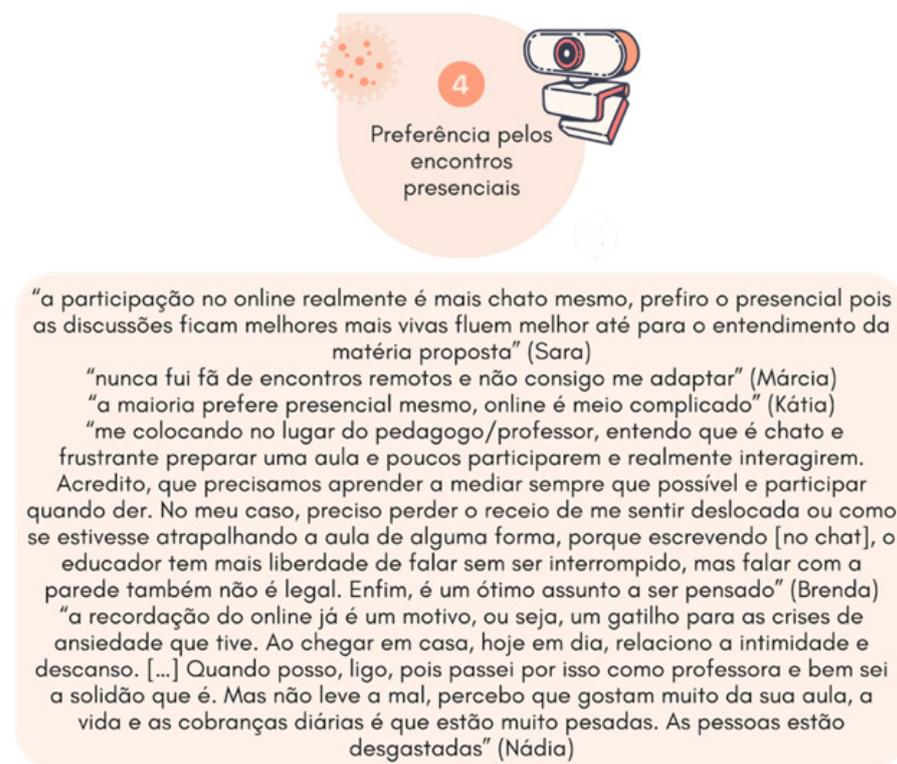
Serão os filtros que “tiram nossas imperfeições” e as aparências construídas nas diversas redes sociais um parâmetro para ligar a câmera e aparecer “adequadamente” (Sara) em uma aula on-line? O que é estar “apresentável” (Lorena) durante um encontro síncrono promovido por um/a docente na universidade? Quem determina essas estéticas? Será que temos as mesmas preocupações com a aparência física nas aulas presenciais? E qual seria o lugar dos corpos nas salas de aula presenciais? Se ninguém ligasse a câmera, nem sequer a/o docente, e todas conversássemos pelo microfone, o que seria de nossos corpos?

Essas tantas perguntas que movimentam nosso pensamento evidenciam que carecemos de respostas conclusivas; não obstante, suspeitamos de que a câmera ligada, por si só, tampouco é capaz de garantir a maior participação/interação da turma durante os encontros por videoconferência.

Pensar sobre aparência física, ausências e presenças nos convida a questionar sobre o lugar do corpo no ato de educar. Sabemos que o debate sobre os corpos na educação foi negligenciado, por isso cabe questionarmos o modo como os corpos das/os estudantes são percebidos como separados da mente, sem suas singularidades, subjetividades e histórias de vida (Nolasco-Silva; Maddalena, 2022). Conforme observamos nos relatos, não existe um sujeito universal, uma razão única. Cada corpo é único, possui sua construção, sua subjetividade e sua história. A pandemia deixou os corpos cansados do ensino remoto, pela quantidade de horas nas telas, pelo cansaço acumulado de horas de leitura dos arquivos em .pdf, pela falta de contato físico (Lemos, 2021; Maddalena; Couto Junior; Teixeira, 2020). O peso que muitas/os estudantes sentiram nos corpos (sono, vista cansada e costas doendo, por exemplo) durante a pandemia marcou um dos maiores fenômenos do ensino remoto, que foram as aulas síncronas, e por isso desligar as câmeras talvez não seja simplesmente um gesto diante de um desconforto cotidiano com a aparência física, mas um gesto de um corpo dizendo que não quer mais habitar aquele espaço.

3.4 Preferência pelos encontros presenciais

Figura 5 - Depoimentos das graduandas sobre a preferência pelos encontros presenciais



Fonte: Autores.

Sobre a preferência pelos encontros presenciais, conforme a Figura 5, os relatos mostram que as estudantes reconhecem a existência de especificidades entre o ensino remoto e a educação presencial, com a valorização de um ensino que é praticado no espaço físico das instituições, ou seja, fica evidente o que Pereira (2023) aponta sobre o ensino remoto ser considerado “menor”. Se naturalizamos a perspectiva de que o ensino remoto é desvalorizado em relação ao ensino presencial única e exclusivamente porque é realizado no contexto on-line, caímos na armadilha de simplesmente questionar a modalidade educa-

cional (remoto x presencial) no lugar de refletir sobre como, para quem e por que educamos. (Re)ler os relatos produzidos pelas estudantes (muitas das quais já atuam como docentes em instituições públicas e privadas do Rio de Janeiro) é um convite que agita/aguça nosso pensamento.

Preferir os encontros presenciais (Vânia) porque não é “fã” de encontros remotos (Marcia), considerados “chatos” (Sara) e “meio complicados” (Kátia) exige maior problematização e reflexão. Cabe relativizarmos aquilo que é visto/reconhecido como verdade (MEYER, 2014) e não desconsiderarmos a importante crítica tecida por Pimentel e Carvalho (2022) sobre o cibertecnicismo, uma abordagem didático-pedagógica (instrucionista e massiva) envolvendo pouca ou nenhuma mediação. É preciso cuidado para não associarmos os encontros síncronos por videoconferência às práticas cibertecnicistas, como se as tecnologias digitais em rede fossem, por si só, uma ameaça à educação. São os usos que fazemos em nossa prática pedagógica com o digital em rede que poderão (ou não) “reduzir o processo formativo ao ensino de conteúdos, um processo de instrução descontextualizado, acrítico, sem espaço para a criatividade e a autoria, pensado para o mercado de trabalho” (Pimentel; Carvalho, 2022, p. 19).

Nos perguntamos sobre como podemos (re)inventar outras possibilidades metodológicas que provoquem os corpos a narrar suas dores, seus desejos, instigar conversas e pensar em outras mediações docentes. Seria uma característica de nosso tempo cibercorpos que habitam vários espaços ao mesmo tempo e realizam diversas atividades simultaneamente? Como professoras, sabemos que existem muitas formas de estar presentes e de vivenciar essas presencialidades na educação, por isso a discussão sobre corpos e presença em tempos de cibercultura é importante.

O que é a presença? O que entendemos por presença em um espaço on-line e em uma aula presencial? Existe alguma diferença entre essas presencialidades? Defendemos que presença implica estarmos presentes, para além da presença física de nossos corpos; entendemos o “estar presente” como o ato de fazer parte do processo formativo que está acontecendo, participar e construir em colaboração a troca de sentidos no encontro entre estudantes e entre estudantes e docente. Isto não implica, necessariamente, a presencialidade física; podemos estar em uma aula presencial, de corpo presente, mas ausentes na troca.

Numa conversa sobre as narrativas e o ensino remoto na pandemia, Carlos Skliar toca em um ponto central nesta direção, apontando que não se trata de opor o presencial ao virtual, mas “pensar que nosso trabalho não é somente estar presentes, não é somente estar ali ou aqui, não é somente estar agora, mas ficar” (Maddalena; Skliar, 2022, p. 30). Dessa forma, ficar é colaborar, é implicar-se com as questões levantadas pela/o outra/o, é afetar e ser afetada/o, colocando em movimento uma prática da partilha que valoriza o intercâmbio das múltiplas experiências entre todas/os.

Nádia, ao final de seu depoimento, aponta que “As pessoas estão desgastadas”. Esse apontamento nos traz como desafio entender que tempos de pandemia exigiram de nós um cuidado redobrado nas reflexões que fazemos. Nos apropriamos do trabalho de Ribeiro e Skliar (2020) para pensar, com eles, as perguntas propostas pelos autores: “O que as narrativas do outro provocam em nós? [...] Que sentidos e ressonâncias as narrativas docentes, produzidas num contexto de pandemia, forçam-nos a pensar/perceber/imaginar em torno da educação? Que educação?” (Ribeiro; Skliar, 2020, p. 19). Aprender a fazer perguntas talvez seja um caminho mais fácil/potente para buscar algumas respostas (sempre provisórias) para aquilo que ainda não sabemos (no máximo, temos algumas pistas).

Nádia nos provocou a perceber que todas (docentes e discentes) estivemos muito desgastadas com as demandas de trabalho dentro e fora da universidade em tempos de pandemia. Este cenário mais uma vez reitera nosso desafio de entender por que os motivos apresentados aqui sobre o não “abrir” a câmera e a baixa participação da turma durante os encontros síncronos por videoconferência não podem ser analisados de forma isolada, mas constituem-se como apenas alguns dos elementos que precisam ser considerados conjuntamente.

A seguir, a título de conclusão, finalizamos nossas reflexões reafirmando a necessidade por mais e melhores mediações no contexto do digital em rede. Para isso, fomos provocadas pelas palavras de Brenda, que concorda que “falar com a parede também não é legal”.

4. “Falar com a parede também não é legal”: palavras finais, mas sem concluir

Após longos e difíceis três anos convivendo com a COVID-19, não estamos mais experienciando tempos pandêmicos, conforme decretado pela OMS em maio de 2023⁴. Rememorar os depoimentos produzidos convidou-nos a entender melhor a relação docência-pandemia-tecnologias; não tivemos como intenção buscar responder conclusivamente às nossas inquietações, pelo contrário, as respostas fornecidas pela turma movimentaram ainda mais nosso pensamento, pois percebemos que o ato de não “abrir” a câmera é, na verdade, a ponta do iceberg para questões sociais mais complexas. Conhecer um pouco da realidade dessas graduandas mostrou-nos a necessidade de olharmos com mais atenção para as questões socioeconômicas em um país que permanece enfrentando sérios problemas, como a exclusão digital, mesmo quando a pandemia nos ensinou o quanto a internet é cada vez mais central na vida cotidiana.

Existem muitas críticas sobre as atividades síncronas/assíncronas, mas não podemos perder de vista que muitas dessas práticas on-line foram inspiradas/“transportadas” de uma educação presencial. Couto Junior, Teixeira e Maddalena (2023) apontam que a baixa participação da turma nos encontros síncronos é um ponto importante para entendermos certo desinteresse em aparecer no vídeo. De acordo com o autor e as autoras, durante a pandemia, muitas experiências educacionais mediadas pelo digital em rede acabaram privilegiando metodologias unidirecionais, com os encontros síncronos sendo comumente utilizados como espaços de mera transmissão de conteúdos, ou seja, docente fala e discentes ouvem (Couto Junior; Teixeira; Maddalena, 2023).

Agrupamos em quatro blocos os principais motivos levantados pelas estudantes sobre as câmeras desligadas e percebemos o quão desafiante foi, para elas, participar dos encontros por videoconferência. Por outro lado, não podemos esquecer da crítica realizada por Brenda, que reconhece que precisamos, sempre que possível, participar das atividades propostas, perdendo “o receio de me sentir deslocada ou como se estivesse atrapalhando a aula de alguma forma, porque escrevendo [no chat], o educador tem mais liberdade de falar sem ser interrompido, mas falar com a parede também não é legal”. Fomos provocadas pelas palavras de Brenda, e nos chamam atenção dois pontos levantados por ela: a interrupção e o “falar com a parede”.

Primeiramente, a interrupção existe quando a expectativa é a de que o espaço institucional (escolar ou universitário) seja um ambiente no qual docentes são responsáveis pela transmissão de conteúdos e estudantes são colocadas/os na condição de “memorizadoras/es” do que é informado. De acordo com Carvalho e Pimentel (2022), a centralidade da/o docente nos processos de ensinar-aprender coloca em movimento “uma não conversação, acreditando que as/os estudantes não têm algo a contribuir e que as falas delas/es irão atrapalhar a aula, deixarão a turma dispersa e impossibilitarão que o conteúdo seja apresentado conforme o planejado” (p. 135). Somando-se a isso, quando a expectativa é a de que o monopólio da palavra seja da/o docente, a turma é colocada na posição de mera audiência, ocasionando o “falar com a parede”, ou seja, ocorre a baixa participação/interação de todas/os no que poderia ser um momento importante de múltiplas aprendizagens decorrentes das trocas em sala de aula.

4 OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19. Disponível em: <https://is.gd/CeeynO>. Acesso em: 18 maio 2023.

Precisamos romper com o que, historicamente, tem sido valorizado em sala de aula: docentes falantes-sabidas/os e estudantes quietas/os-atas/os. Apostamos em mais e melhores mediações, seja nos espaços físicos das instituições educacionais ou no contexto on-line, valorizando a participação de todas/os ao colocar em ação estratégias que encorajem a partilha. Para isso, temos feito das rodas de conversa nossa metodologia privilegiada nas disciplinas ministradas na universidade e durante os encontros com nossos Grupos de Pesquisa. Quem conversa não interrompe, pelo contrário: coloca em movimento a palavra, que passa de boca em boca convidando a/o outra/o a participar do diálogo também; quem conversa não “fala com a parede”, porque é incentivada a prática de que todas as vozes instiguem a/o outra/o a pensar.

O que isso tudo tem a ver com o “ligar a câmera” nos encontros por videoconferência? Tudo. Esse cuidado com a experiência formativa do outro mostra-se fundamental não somente no contexto pandêmico, mas para além dele, reconhecendo a importância da escuta atenta e do olhar sensível na busca por uma educação que esteja sintonizada com as demandas e questões apresentadas pelas/os graduandas. Quando convidamos a/o outra/o a falar de si, estamos valorizando a escuta atenta e buscando entender os motivos por detrás dos tantos quadradinhos pretos com nomes, mas sem rostos, que povoaram nossos encontros on-line durante a pandemia. Temos interfaces digitais que garantem a construção de uma educação da partilha, agora é continuar lutando por políticas de inclusão digital que permitam que cada vez mais brasileiras/os consigam experienciar plenamente os processos comunicacionais digitais em rede. A pandemia acabou, mas nosso desejo de continuar (co)criando em rede com as estudantes do curso de Pedagogia permanece.

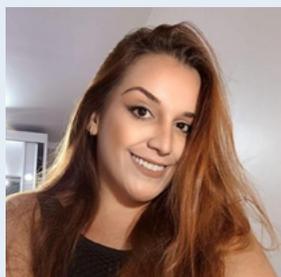
Biodados e contato dos autores



COUTO JUNIOR, D. R. é professor do Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino (DEAE) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É docente no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) e no Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd), ambos da UERJ. Concluiu o doutorado no ProPEd/UERJ. Líder do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC). Bolsista do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística – Prociência UERJ.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5221-7135>

E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br



TEIXEIRA, M. M. é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Concluiu o mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ. Integrante do Grupo de Pesquisa Juventude, Educação, Gênero e Sexualidade na Cibercultura (JEGESC). Bolsista CAPES.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1799-2769>

E-mail: marcellemteixeira@gmail.com



MADDALENA, T. L. é professora do Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino (DEAE) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É docente no Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd) da UERJ. É líder do EduStoryLab – Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação na Cibercultura. Bolsista do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística – Prociência UERJ.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3949-6491>

E-mail: tania.lucia.maddalena@uerj.br

Referências

- CARVALHO, F. Situações de coautoria on-line no Ensino Fundamental. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 11, n. 1, p. 135-156, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3NDUorD>. Acesso em: 24 maio 2022.
- CARVALHO, F.; PIMENTEL, M. Desculpa a interrupção, professor, eu nem sei se eu poderia te interromper: quais os sentidos da conversação em aula? **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 127-148, set./dez. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3GAdcGl>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- COUTO JUNIOR, D. R.; FERREIRA, H. M. C.; OSWALD, M. L. M. B. Compartilhando experiências sobre o “armário”: as conversas online como procedimento metodológico da pesquisa histórico-cultural na cibercultura. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 6, n. 1, p. 23-34, out. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2zRX7KV>. Acesso em: 26 out. 2017.
- COUTO JUNIOR, D. R.; TEIXEIRA, M. M.; MADDALENA, T. L. O meme como inventividade metodológica no ensino remoto pandêmico: por que não? **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 12, n. 1, p. 53-68, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3m1EKhA>. Acesso em: 4 abr. 2023.
- HARARI, Y. N. **Notas sobre a pandemia** e breves lições para o mundo pós-coronavírus. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LEMO, A. **A tecnologia é um vírus**: pandemia e cultura digital. Porto Alegre: Sulina, 2021.
- MADDALENA, T. L.; COUTO JUNIOR, D. R.; TEIXEIRA, M. M. O que dizem os memes da educação na pandemia? Dilemas e possibilidades formativas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 16, p. 1518-1534, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/37WedIs>. Acesso em: 29 dez. 2020.
- MADDALENA, T. L.; SKLIAR, C. Narrar a pandemia: una conversación em tiempos de incertidumbre. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 18-34, set./dez. 2022. Disponível em: <https://is.gd/OKZGZJ>. Acesso em: 28 maio 2023.
- MEYER, D. E. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, D.E.; PARAÍSO, M. A. (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2014, p. 49-63.
- MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Ponta Grossa, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: <https://is.gd/js1nMo>. Acesso em: 9 out. 2023.
- NOLASCO-SILVA, L.; MADDALENA, T. L. O corpo, a tela e a produção de presença na EaD. **EaD em Foco**, v. 12, n. 3, e1915, 2022. Disponível em: <https://is.gd/UheRb2>. Acesso em: 20 maio 2023.
- NOLASCO-SILVA, L.; LO BIANCO, V. **Os isolados e os aglomerados da cibercultura**: ensino remoto emergencial, educação a distância e educação online. Salvador: Devires, 2022.
- PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 25-47.
- PEREIRA, R. M. R. Por uma ética da responsividade: exposição de princípios para a pesquisa com crianças. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 50-64, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2QIFs3Z>. Acesso em: 23 maio 2017.

- PEREIRA, T. V. Ensino remoto não é “ensino”? **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, e280017, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/40rRdJZ>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- PIMENTEL, M.; CARVALHO, F. Cibertecnicismo. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 31, p. 1-22, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/42HrHBY>. Acesso em: 16 maio 2023.
- RIBEIRO, T.; SKLIAR, C. Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 25, n. 55, p. 13-30, set./dez. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2Va3p5A>. Acesso em: 24 jul. 2021.
- RODRIGUES, L. C. S. et al. Da imersão no campo ao trabalho a distância: um relato de experiência da disciplina de Educação Especial Inclusiva Semipresencial no período de pandemia. **EaD em Foco**, v. 11, n. 2, e1225, 2021. Disponível em: <https://is.gd/feQz2k>. Acesso em: 6 out. 2023.
- SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.
- SANTAELLA, L. **Humanos hiper-híbridos**. Linguagens e cultura na segunda era da internet. São Paulo: Paulus, 2021.
- XAVIER, M. B.; VENTURA, A. Educação, TDIC e Saúde no Cenário de Pandemia: relato de experiência a partir de um estágio docente no ensino superior. **EaD em Foco**, v. 12, n. 1, e1706, 2022. Disponível em: <https://is.gd/QZWhpg>. Acesso em: 6 out. 2023.